

DESPORTO ADAPTADO EM PORTUGAL: QUEM SÃO OS TREINADORES? *ADAPTED SPORTS IN PORTUGAL: WHO ARE THE COACHES?*

João Paulo Saraiva
Universidade do Minho

RESUMO: A questão da formação para treinar atletas sem deficiência tem reivindicado a atenção dos pesquisadores, sendo contudo escassa a investigação no âmbito do desporto adaptado, levantando a questão de como estes adquirem competências para exercer tal atividade. Os objetivos deste estudo são: 1) analisar o nível e o tipo de formação dos treinadores de desporto adaptado portugueses e 2) analisar eventuais diferenças ao nível dos seus contextos de aprendizagem. Verificamos que 14% não têm formação superior, 48% possui licenciatura, pós-graduação e/ou mestrado em áreas não relacionadas com o desporto, enquanto 38% têm formação na área da Educação Física e 38% destes, pós-graduação ou mestrado em AMA. A ausência de formação nestas áreas não constituiu um obstáculo para a maioria, compensando-a através de formações alternativas, numa demonstração de reconhecimento que ser treinador de desporto adaptado exige uma preparação empírica e prática para atender eficazmente às necessidades específicas de atletas com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Desporto Adaptado. Treinadores. Formação. Educação Física. Atividade Motora Adaptada.

ABSTRACT: The issue of training to train athletes without disabilities has claimed the attention of researchers, however little research is known about the adapted sports, raising the question of how they acquire the skills to engage in this activity. The objectives of this study are (1) to analyze the level and type of training of Portuguese adapted sports coaches and (2) to analyze possible differences in their learning environments. We found that 14% don't have higher education, 48% have graduation, postgraduate and/or master's degree in areas not related to sport, while 38% have training in Physical Education and 38% of these postgraduate or master's degree in AMA. The lack of training in these areas didn't constitute an obstacle for most, making up for it through alternative training, in a demonstration of recognition that adapted sports coach requires an empirical and practical preparation to effectively meet the specific needs of disabled athletes.

KEYWORDS: Adapted Sports. Trainers. Training. Physical Education. Adapted Motor Activity.

INTRODUÇÃO

Ser Treinador envolve um princípio central de melhorar constantemente o desempenho da equipe ou do atleta, o que requer uma atividade cognitiva constante para tomar decisões sobre uma multiplicidade de fatores situacionais dinâmicos (Jones, Armour & Potrac, 2003). Assim, tendo em conta a complexidade da função (Cushion, Armour & Jones, 2003), os treinadores precisam desenvolver portanto uma gama variada de conhecimentos e habilidades que lhes permitam se adaptar às mais diversas condições ambientais (Nash & Collins, 2006). No caso dos treinadores de atletas com deficiência, são igualmente necessários conhecimentos sobre outros fatores contextuais, como a acessibilidade das instalações desportivas, a adaptabilidade dos meios de transporte à eventuais limitações de mobilidade dos atletas, montagem, manuseio e/ou manutenção de equipamento específico, etc., que os tornam capazes de adaptar seus programas de treinamento à modalidade em causa e ao nível de funcionalidade dos atletas que orientam (Cregan, Bloom & Reid, 2007; MacDonald, Beck, Erickson & Cotê, 2015). Ao contrário do que se tem observado com treinadores de atletas sem deficiência, em que o conhecimento sobre as suas fontes ou contex-

tos de aprendizagem tem evoluído sobejamente na última década, fruto de variados estudos (Cotê, 2006; Nelson & Cushion, 2006; Nelson, Cushion & Potrac, 2006; Lemyre, Trudel & Durand-Bush, 2007; Lyle, Mallett, Trudel & Rynne, 2011; Vella, Crowe & Oades, 2013; Prysłak, 2015; Stoszkowski & Collins, 2015), verifica-se uma escassez de conhecimentos acerca desta temática no que se refere a *treinadores de atletas com deficiência*, ou *treinadores de desporto adaptado*, termo que utilizaremos doravante neste trabalho.

Apesar de conhecidos os benefícios da prática desportiva para a qualidade de vida de pessoas com deficiência (Chen, 2012; Safania & Mokhtari, 2012; Tomasone, Wesch, Ginis & Noreau, 2013; Lankhorst et al., 2015), Portugal registra uma taxa de envolvimento em atividades desportivas extremamente reduzida por parte desta franja da população (Saraiva, Almeida, Oliveira, Fernandes & Cruz-Santos, 2013), o que levanta questionamentos acerca das razões que possam explicar essa realidade. Várias causas são apontadas na literatura internacional como constrangimentos à participação de pessoas com deficiência em atividades desportivas, nomeadamente barreiras arquitetónicas, falta de informação, dificuldades de transporte, ausência de materiais/equipamentos apropriados, falta de apoio da família/

amigos, entre outros (Sá, Azevedo, Martins, Machado & Tavares, 2012; Bragaru et al., 2013; Jaarsma, Dijkstra, Geertzen & Dekker, 2014; Schijndel-Speet, Evenhuis, Wijck, Empelen & Echteld, 2014). No panorama nacional, algumas destas situações são entendidas pelos próprios treinadores de desporto adaptado como barreiras a um maior envolvimento de pessoas na prática desportiva, enquanto outras não constituem um verdadeiro entrave (Saraiva & Cruz-Santos, 2015). No entanto, além das causas já identificadas para explicar esta situação, a falta de conhecimentos dos profissionais para atender adequadamente as necessidades específicas dessas pessoas é igualmente apontada como um constrangimento à sua participação em atividades desportivas (Moran & Block, 2010; Elinder, Bergstrom, Hagberg, Wihlman & Hagstromer, 2010; Robertson, Bucks, Skinner, Allison & Dunlop, 2011).

A questão das competências profissionais necessárias para a formação de treinadores, sobretudo de atletas sem deficiência, tem reivindicado a atenção dos pesquisadores (Abraham, Collins & Martindale, 2006; Demers, Wood & Savard, 2006; Jones, Armour & Potrac, 2004; Kirschner & Vilsteren, 1997; Westera, 2001), sendo no entanto muito escassa a investigação dessa natureza no âmbito do desporto adaptado (Duarte & Culver, 2014). Os poucos estudos realizados sobre esta área sublinham as barreiras que os treinadores devem superar na construção do seu conhecimento. Estudos têm apontado que, para os treinadores de desporto adaptado, as oportunidades e os materiais de formação são muito limitadas (Cregan, Bloom & Reid, 2007; Tawse, Bloom, Sabiston & Reid, 2012), normalmente restritos a livros e workshops (DePauw & Gavron, 2005; McMaster, Culve & Werthner, 2012; Tawse et al., 2012). A escassez de situações de aprendizagem disponíveis para estes treinadores levanta a questão de como adquirem competências para o exercício desta atividade. Por conseguinte, os objetivos deste estudo são: 1) analisar o nível educacional dos treinadores de desporto adaptado, analisando em pormenor os conhecimentos gerais e específicos que possuem para o exercício desta atividade, assim 2) como analisar eventuais diferenças ao nível dos seus contextos de aprendizagem e que decorrem do seu grau de formação.

METODOLOGIA

AMOSTRA

A amostra é constituída por 84 participantes, sendo 50 do género masculino (60%) e 34 do género feminino (40%), e a sua maioria (42%) tem entre 31 e 40 anos de idade, enquanto 26% têm entre 41 e os 50 anos e 23% tem entre os 20 e os 30 anos. Por fim, apenas 9% dos inquiridos tem mais de 51 anos de idade. Ao nível da sua distribuição pelo território nacional, a Zona Centro é onde reside a maioria dos participantes (33%), seguida da Zona de Lisboa e Vale do Tejo (26%), das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira (18%), da Zona Centro (13%) e da Zona Sul (10%). A realização deste estudo obedeceu aos requisitos da Resolução CNS 196/96 referente à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) e foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Educação da Universidade do Minho.

INSTRUMENTO

Os participantes foram convidados por *e-mail* a responder um inquérito *online*, onde as questões colocadas foram categorizadas em três domínios: 1) caracterização dos treinadores em termos de

habilitações académicas e/ou profissionais que possuem para trabalhar com pessoas com deficiência; 2) suas opiniões/conceições pessoais sobre diferentes aspetos relacionados com a sua atuação como treinador de desporto adaptado; e 3) as suas opiniões sobre os motivos que possam eventualmente explicar o não envolvimento de pessoas com deficiência na prática desportiva. O convite para a participação no estudo foi intermediado pelas cinco associações de desporto para pessoas com deficiência existentes em Portugal, que foram convidadas a colaborar na sua divulgação, nomeadamente a Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANNDI), a Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Motora (ANNDEMOT), a Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Visual (ANNDVIS), a Paralisia Cerebral – Associação Nacional de Desporto (PC-AND) e a Liga Portuguesa de Desporto para Surdos (LPDS).

PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Recorreu-se à estatística descritiva simples para descrever a frequência de distribuição da amostra em função do cruzamento das variáveis em estudo, sendo para esse efeito utilizado o software SPSS versão 22.

RESULTADOS

A Tabela 1 permite observar a distribuição da amostra em termos de formação académica e, nos graus de nível superior, de competências consideradas como mais adequadas para a orientação/condução de atividades física e desportivas, nomeadamente na área da Educação Física. Assim, verificamos que cerca de 14% não têm formação superior, sendo que destes apenas 4% têm o ensino básico (fundamental). Relativamente a restante amostra, 48% possui uma licenciatura (27%), uma pós-graduação (11%) ou um mestrado (10%) em áreas não relacionadas com as ciências do desporto, enquanto 38% têm formação superior na área da Educação Física (EF). Importa ainda salientar que desta percentagem 4% têm, para além da licenciatura, uma pós-graduação na área da Atividade Motora Adaptada (AMA), enquanto 11% têm mestrado nesta área.

Tabela 1 - Distribuição da amostra em função do grau de escolaridade e do tipo de formação que possui.

		Pós-gradu- ação EF	Pós-gradu- ação AMA	Pós-gradu- ação outra	Mes- trado EF	Mes- trado AMA	Mes- trado outro
9.º ano	3	*	*	*	*	*	*
12. ano	9	*	*	*	*	*	*
Licenciatura EF	14	4	3	*	2	9	*
Licenciatura outra área	23	*	*	9	*	*	8

Legenda: EF: Educação Física; AMA: Atividade Motora Adaptada.

Fonte: elaboração própria.

Os treinadores de desporto adaptado que participaram no presente estudo são responsáveis pela orientação de 877 atletas, estando a sua distribuição em função do tipo de deficiência destes e da sua formação académica/profissional representada na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição da amostra em função da formação e do tipo de deficiência dos atletas com os quais trabalham

	Deficiência Intelectual	Deficiência Auditiva	Deficiência Visual	Deficiência Motora
Licenciatura em EF	85	0	6	28
Licenciatura + Pós-graduação em EF	26	1	0	21
Licenciatura + Mestrado em EF	10	0	1	4
Licenciatura em EF + Pós-graduação em AMA	29	1	0	6
Licenciatura em EF + Mestrado em AMA	23	4	3	50
<i>OUTRA formação</i>	275	6	129	169

Legenda: EF: Educação Física; AMA: Atividade Motora Adaptada.

Fonte: elaboração própria.

Podemos observar que, relativamente aos atletas com deficiência intelectual, a tipologia com o maior número de atletas (51%), 61% destes são treinados por profissionais sem formação em EF ou AMA, enquanto 12% possuem pós-graduação ou mestrado nesta área para além da habilitação para o exercício da EF. No que se refere aos atletas com deficiência auditiva, a tipologia menos representativa de toda a amostra (1,4%), metade é treinada por indivíduos com níveis inferiores de escolaridade ou com formação superior em outras áreas do conhecimento, enquanto 42% são orientadas por licenciados em EF com pós-graduação ou mestrado em AMA. Quanto aos atletas com deficiência visual, a tendência mantém-se, com 93% a treinar sob a orientação de treinadores com formação em outras áreas, enquanto apenas 2% dos inquiridos têm licenciatura em EF e mestrado em AMA. Por fim, em relação aos atletas com deficiência motora, 61% é orientada por treinadores com outros níveis de escolaridade ou oriundos de outras áreas de formação, enquanto 20% são treinadas por um profissional com licenciatura em EF, complementada por uma pós-graduação ou mestrado em AMA.

Centramos agora a nossa análise nos participantes sem formação superior em EF e/ou AMA, para conhecer os contextos de aprendizagem através dos quais adquiriram competências nesta área. Os dados podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição da amostra sem formação específica de acordo com os contextos de aprendizagem onde adquiriram competências para a atividade de treinador de Desporto Adaptado

	Sem formação	Workshops	Unidades Curriculares ¹	Formação Especializada
9.º ano	2	1	0	0
12.º ano	3	4	0	2
Lic_OUTRA	6	6	7	4
Lic_OUTRA + Pg_OUTRA	2	1	2	4
Lic_OUTRA + Mes_OUTRO	3	1	1	3

Legenda: Lic: licenciatura; Pg: Pós-graduação; Mes: Mestrado

Fonte: elaboração própria.

Podemos verificar que, entre os indivíduos sem formação superior, 42% não adquiriu qualquer competência formal em AMA, en-

quanto a mesma percentagem frequentou *workshops* e apenas 16% investiu numa formação especializada nesta área. Por outro lado, considerando a amostra com licenciatura, pós-graduação e/ou mestrado em outras áreas do conhecimento, observamos que 27% optaram por não fazer qualquer formação em AMA, enquanto 20% adquiriram competências através de *workshops*. Entretanto, 25% dos participantes tiveram contato com conteúdos relacionados com AMA através de unidades curriculares sobre práticas pedagógicas para alunos com necessidades educativas especiais frequentadas nos seus cursos de graduação, tratando-se normalmente nestes casos de cursos de formação inicial de professores. Por fim, 28% dos participantes mais graduados investiram em formações especializadas para adquirir competências em AMA.

DISCUSSÃO

Dada a proeminência do papel inclusivo do desporto na sociedade atual, tem-se vindo a verificar um incremento na importância atribuída ao papel do treinador de desporto adaptado, no que se refere aos conhecimentos e as competências específicas que o desempenho dessa função exige. Nesse sentido, o primeiro objetivo deste estudo foi analisar o nível e o tipo de formação dos treinadores de desporto adaptado em Portugal, tendo-se observado que a sua maioria possui formação superior (i.e. licenciatura ou mestrado), quer em Educação Física quer em outras áreas profissionais ligadas ou não ao ensino. Segundo Santos, Mesquita, Graça & Rosado (2010), esta situação constitui a priori uma vantagem sobre os treinadores com qualificações inferiores, tendo em conta estudos que demonstram que treinadores com formação superior, independentemente da área em que se formaram, se percebem como mais competentes do que os seus pares sem formação superior. Os mesmos autores referem que a vivência universitária contribui para o desenvolvimento de competências profissionais básicas, tais como as relacionadas com a comunicação, a liderança, a avaliação ou a resolução de problemas, entre outras, dando o suporte necessário à atuação dos treinadores e, conseqüentemente, fundamentando a sua melhor percepção de competência.

No entanto, alguns pesquisadores (Bloom, 1996; Demers, Wood & Savard, 2006) referem que a formação superior em áreas relacionadas com o ensino e a prática desportiva, nomeadamente em Educação Física e/ou Desporto, tem a vantagem de apoiar o comportamento dos treinadores, na medida em que são aprofundados conhecimentos em áreas fundamentais para o rendimento desportivo, como a fisiologia, a biomecânica, a metodologia do treino, entre outras. Contudo, relativamente a aquisição de competências para aplicação destes conhecimentos na orientação de atletas com deficiência, verificamos que aproximadamente um quarto dos participantes as adquiriu através da frequência em unidades curriculares de duração semestral nos receptivos cursos de graduação em Educação Física e/ou Desporto (licenciaturas e mestrados) oferecidos pelas universidades e institutos politécnicos da rede pública de ensino superior em Portugal. Segundo Neto (1997), a subvalorização dessa temática reflete-se numa formação inicial deficiente, na medida em que são transmitidos um conjunto de conhecimentos básicos, que necessitam de ser complementados por outros adquiridos através da prática, da experiência acumulada e da formação permanente. Essa situação foi observada por Filus & Martins Junior (2004) em professores de Educação Física brasileiros que afirmaram não se sentirem preparados para orientar alunos com deficiência,

apesar de terem frequentado uma disciplina dedicada a esta temática nos seus cursos de graduação.

Outro aspeto que pode interferir na qualidade da formação dos treinadores de desporto adaptado com licenciatura em Educação Física e Desporto está relacionado com a terminologia adotada por cada instituição de ensino superior em Portugal para as unidades curriculares destinadas a aquisição de competências na orientação desportiva de pessoas com deficiência, que variam entre *Desporto Adaptado*, *Atividade Física Adaptada*, *Atividade Motora Adaptada*, ou *Desporto para Populações Especiais*. Sobre essa questão, Castro & Marques (2000) sugerem que essa imprecisão terminológica pode derivar do enfoque dos conteúdos propostos e do seu enquadramento influenciado pela formação do professor que os leciona e que necessariamente incluem concepções baseadas em parâmetros distintos e análises dos conteúdos de formação igualmente diferenciadas. Dessas subjetividades resulta uma ausência de uniformidade na oferta formativa ao nível dos currículos disponibilizados pelas instituições de ensino superior e, conseqüentemente, em abordagens por vezes defasadas/desenquadradas relativamente às reais necessidades e/ou características dos alunos (ou, neste caso, dos atletas) que atende.

Por outro lado, uma parte dos treinadores licenciados em Educação Física e Desporto da amostra em estudo tem pós-graduação ou mestrado em Atividade Motora Adaptada (AMA). Entendida em traços gerais como o domínio de competências técnicas para a manipulação de atividades ao nível do executante, da tarefa e/ou do envolvimento, de modo a tornarem-na mais ajustada ao nível de funcionalidade do aprendiz e aos objetivos desejados (Rodrigues, 2006), estudos comprovam que a operacionalização de conhecimentos específicos desta área contribui para uma melhoria significativa a vários níveis, tais como na promoção da autoestima, no desenvolvimento de habilidades motoras, na socialização, entre outros (Carmo, 2009; Strapasson, Storch & Baessa, 2013). Relativamente à formação nesta área, Fonseca (1980) defende que a formação dos técnicos que trabalham com pessoas com necessidades especiais deve ser de nível superior, a fim de garantir a aquisição do extenso corpo de conhecimentos que permitem lidar e atender proficuamente as suas especificidades. Brancantti (2008) reforça esta ideia ao sugerir que, apesar de uma disciplina específica ter um papel importante na abordagem introdutória a uma temática, o que normalmente ocorre nos cursos de graduação, caberá a um curso na sua globalidade abordar competências teóricas e práticas que capacitem os seus alunos (i.e. futuros professores e/ou treinadores), para modificar positivamente a realidade das pessoas com deficiência. Sobre este ponto de vista, Cruz (2001) ressalta a importância da abordagem a esta temática na formação inicial do profissional de Educação Física, defendendo que não deve estar restrita à apenas uma disciplina mas resultar do envolvimento de outras áreas afins do longo do curso, permitindo um adensamento dos conhecimentos que estão na base da competência profissional necessária para prestar um serviço de qualidade a todas as pessoas com deficiência.

Ao nível da distribuição dos atletas pelos treinadores de acordo com a sua formação, constatamos que aproximadamente um terço dos 877 atletas é treinado por um licenciado em EF, sendo ainda mais reduzido o número de atletas treinado por alguém com pós-graduação ou mestrado em AMA. Segundo Costa (1981), essa realidade pode, em parte, ser explicada por um conjunto de fatores, entre os quais, ausência de formação genérica sobre o atendimento à pessoas com necessidades especiais, carência de professores especializados ao nível das instituições de ensino superior, desarticu-

lação entre a formação de base e ações de reciclagem que reflitam a evolução dos conhecimentos, assim como carências ao nível da própria oferta formativa. Por outro lado, analisando as preferências de formação dos treinadores de desporto adaptado sem formação específica quer em EF quer em AMA, verificamos que os contextos são variados, confirmando que os treinadores geralmente adquirem competências ao longo da sua carreira através de fontes que podem variar entre formais, constituídas por cursos técnicos de certificação de treinadores ou por obtenção de grau acadêmico e não-formais, referentes a participação em congressos, seminários e/ou workshops (Nelson et al., 2006). Os mesmos autores referem ainda a existência de contextos de aprendizagem informais, que integram experiências anteriores como atleta, a partilha de experiências com outros treinadores e/ou a pesquisa bibliográfica em revistas da especialidade. A opção por uma dessas fontes em dado momento baseia-se, segundo Cotê (2006), em três variáveis, sendo uma delas a experiência acumulada e os conhecimentos prévios do treinador, seguida dos recursos materiais que tem ao seu dispor e, por fim, as características dos seus atletas em termos de faixa etária, do nível de desenvolvimento desportivo e dos objetivos a atingir. O autor acrescenta que qualquer mudança em uma dessas variáveis podem afetar o ambiente de aprendizagem e, conseqüentemente, o tipo de formação que um treinador precisa. No entanto, uma parte dos inquiridos sem formação em EF ou AMA optou por não adquirir competências relativas a orientação desportiva de pessoas com deficiência por via dos contextos de aprendizagem atrás descritos, podendo essa opção ser justificada pela valorização da “aprendizagem pela prática” observada por Erickson, Bruner, MacDonald e Cotê (2008) em treinadores canadenses de atletas sem deficiência.

A ausência de informações dessa natureza relativamente à nossa amostra constitui uma limitação do nosso trabalho, na medida em que o seu conhecimento permitiria avaliar de que forma se correlacionam e, a partir desses dados, traçar um perfil mais detalhado do treinador de desporto adaptado em Portugal. No entanto, os dados obtidos no presente estudo levam à outras questões relacionadas com o tema aqui tratado, como (i) a existência de diferenças no grau de realização desportiva dos atletas com deficiência em função do tipo de formação dos seus treinadores, partindo do pressuposto de que treinadores mais qualificados adotam metodologias de treino mais eficazes, otimizado os recursos disponíveis e, conseqüentemente, contribuindo para a melhoria do desempenho desportivo dos seus atletas; (ii) a influência do nível e do tipo de formação acadêmica de um treinador de desporto adaptado sobre o seu comportamento, medida pelo nível de satisfação dos seus atletas para com aspetos técnicos relacionados com o planeamento estratégico, definição de objetivos, preparação psicológica, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de treinador em Portugal, independentemente de ser desporto adaptado ou não, da modalidade em questão ou do nível competitivo, é na sua essência marcado pelo voluntarismo, normalmente motivado por uma ligação afetiva ao desporto que pode ter a sua origem em diferentes fatores, tais como o término da carreira como atleta, a impossibilidade de continuar a competir como atleta devido à lesão, a oportunidade de passar mais tempo com filhos ou filhas que são atletas, a influência de familiares e/ou amigos que foram ou são treinadores, entre outros. Nesse sentido, a opção pela entrada nessa atividade ocorre por vezes alguns anos após a escolha da carreira profissional, sendo, de acordo com os resultados

obtidos pelo nosso estudo, em áreas não relacionadas academicamente com o ensino/orientação/prática de atividades físicas e/ou desportivas. No entanto, a posse de graduação em Educação Física pode não representar uma vantagem substancial para a função de treinador de desporto adaptado, na medida em que a estrutura curricular dedicada a esta temática parece não o preparar tanto quanto seria desejável para atender às especificidades da prática desportiva realizada por pessoas com deficiência. Nesse sentido, tornar-se-ia necessário reestruturar os cursos de graduação em Educação Física em Portugal, dotando-os de uma continuidade formativa ao longo de toda a sua duração na área da Atividade Motora Adaptada, procurando integrar estágios em instituições desportivas que permitam a aplicação em contexto dos conhecimentos empíricos adquiridos para cada tipo de deficiência.

Por outro lado, a ausência de formação em Educação Física não representou um obstáculo para a maioria dos inquiridos, que procurou compensá-la através de vias alternativas de formação, numa demonstração de reconhecimento de que a função de treinador de desporto adaptado exige uma preparação mínima para atender eficazmente as necessidades específicas dos atletas que têm sob a sua responsabilidade.

Contrariamente às modalidades “regulares”, onde os treinadores atuais adquiriam, na maioria dos casos, competências ao longo das suas carreiras como atleta através do contato com treinadores qualificados e experientes nas receptivas modalidades, no caso específico do desporto adaptado, os treinadores por norma não tiveram essas vivências, a não ser que também eles tenham sido atletas com deficiência, e por isso sintam necessidade de se embrenharem nesse universo.

REFERÊNCIAS

- Abraham, A., Collins, D., & Martindale, R. (2006). The Coaching Schematic: Validation Through Expert Coach Consensus. *J Sports Sci*, 24(6), 549-564.
- Bloom, G. A. (1996). *Charateristics, Knowledge and Strategies of Expert Team Sport Coaches*. (Tese de Doutorado), University of Ottawa.
- Bragaru, M., Wilgen, C.P.V., Geertzen, J.H.B., Ruijs, S.G J.B., Dijkstra, P.U., & Dekker, R. (2013). Barriers and Facilitators of Participation in Sports: A Qualitative Study on Dutch Individuals with Lower Limb Amputation. *PLOS ONE*, 8(3), e59881.
- Brancanti, P.R. (2008). O papel da disciplina educação física para pessoas com necessidades especiais no curso de licenciatura em Educação Física da FCT/UNESP de Presidente Prudente. [Trabalho completo]. *Congresso Brasileiro de Educação Especial*, 3., São Carlos.
- Carmo, A.C.F. (2009). *Atributos Pessoais e Comportamento Motor de Crianças com Deficiência evidenciados em Atividade Motora Adaptada*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Castro, J.A.M., & Marques, U.S.M. (2000). Análise da Formação do Profissional em Atividade Física Adaptada no Contexto Europeu. *Revista da SOBAMA*, 5(1), 31-37.
- Chen, C.C. (2012). Orientation and mobility of the visually impaired in a blind baseball training method. *Journal of Physical Education and Sports Management*, 3(2), 20-26.
- Costa, A.B. (1981). Educação Especial. In M. Silva & M. I. Tamen (Org.). *Sistema de ensino em Portugal* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (pp. 307-354).
- Cotê, J. (2006). The Development of Coaching Knowledge. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 1(3), 217-222.
- Cregan, K., Bloom, G.A., & Reid, G. (2007). Career evolution and knowledge of elite coaches swimmers with a physical disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78, 339-350.
- Cruz, G. (2001). Formação profissional em Educação Física à luz da inclusão. [Resumo] *Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada*, Curitiba.
- Cushion, C., Armour, K., & Jones, R. (2003). Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. *Quest*, 55(215-230).
- Demers, G., Woodburn, A., & Savard, C. (2006). The development of an undergraduate competency-based coach education program. *The Sport Psychologist*, 20, 162-173.
- DePauw, K.P., & Gavron, S.J. (2005). *Disability Sport* (2nd ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Duarte, T., & Culver, D.M. (2014). Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective. *J Appl Sport Psychol*, 26(4), 441-456.
- Elinder, L.S., Bergstrom, H., Hagberg, J., Wihlman, U., & Hagstromer, M. (2010). Promoting a healthy diet and physical activity in adults with intellectual disabilities living in community residences: Design and evaluation of a cluster-randomized intervention. *BMC*, 10(761).
- Erickson, K., Bruner, M., MacDonald, D., & Côté, J. (2008). Gaining Insight into Actual and Preferred Sources of Coaching Knowledge. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 3(4), 527-538.
- Filus, J.F., & Martins Junior, J. (2004). Reflexões sobre a formação em Educação Física e a sua aplicação no trabalho junto às pessoas com deficiência. *Revista da Educação Física/UEM*, 15(2), 79-87.
- Fonseca, V. (1980). *Reflexões sobre a educação especial em Portugal*. Lisboa: Moraes.
- Jaarsma, E.A., Dijkstra, P.U., Geertzen, J.H.B., & Dekker, R. (2014). Barriers to and facilitators of sports participation for people with physical disabilities: A systematic review. *Scand J Med Sci Sports*, 24(6), 871-881.
- Jones, R., Armour, K., & Potrac, P. (2003). Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. *Sport Education and Society*, 8(2), 213-229.
- Jones, R., Armour, K., & Potrac, P. (2004). *Sports Coaching Cultures: From practice to theory*. London: Routledge.
- Kirschner, P. & Vilsteren, P. V. (1997). The design of a study environment for acquiring academic and professional competence. *Studies in Higher Education*, 22(2), 151-172.
- Lankhorst, K., van der Ende-Kastelij, K., de Groot, J., Zwinkels, M., Verschuren, O., Backx, F., et al. (2015). Health in Adapted Youth Sports Study (HAYS): health effects of sports participation in children and adolescents with a chronic disease or physical disability. *Springerplus*, 4, 796.
- Lemyre, F., Trudel, P., & Durand-Bush, N. (2007). How Youth-Sport Coaches Learn to Coach. *The Sport Psychologist*, 21, 191-209.

- Lyle, J., Mallett, C. J., Trudel, P., & Rynne, S.B. (2011). Formal vs. Informal Coach Education: A Response to Commentaries. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 4(3).
- MacDonald, D.J., Beck, K., Erickson, K., & Cotê, J. (2015). Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 29(3), 242-249.
- McMaster, S., Culver, D., & Werthner, P. (2012). Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(2), 226-243.
- Moran, T.E., & Block, M.E. (2010). Barriers to Participation of Children with Disabilities in Youth Sports. *TEACHING Exceptional Children Plus*, 6(3), Artigo 5.
- Nash, C., & Collins, D. (2006). Tacit knowledge in expert coaching science or art? *Quest*, 58, 465-477.
- Nelson, L., & Cushion, C. (2006). Reflection in coaching education: The case of the national governing body coaching certificate. *The Sport Psychologist*, 20, 174-183.
- Nelson, L. J., Cushion, C. J., & Potrac, P. (2006). Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 1, 247-259.
- Neto, V. M. (1997). A formação profissional em Educação Física e Esportes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 19(1), 34-41.
- Pryszlak, J. (2015). Where, when and how do sports coaches prefer to learn? *Research*.
- Robertson, T., Bucks, R. S., Skinner, T.C., Allison, G.T., & Dunlop, S.A. (2011). Barriers to Physical Activity in Individuals with Spinal Cord Injury: A Western Australian Study. *Australian Journal of Rehabilitation Counselling*, 17(2), 74-88.
- Rodrigues, D. (2006). As dimensões de adaptação de actividades motoras. *Rev. bras. Educ. Fis. Esp.*, São Paulo, 20(5), 53-58.
- Sá, M.M., Azevedo, R., Martins, M.C., Machado, O., & Tavares, J. (2013). Accessibility of sports facilities for persons with reduced mobility and assessment of their motivation for practice. *Work*, 41(Suppl 1), 2017-2023.
- Safania, A., & Mokhtari, R. (2012). Participation in sports activities in leisure time and quality of life of active and inactive disabled war veterans disabled people. *International Research Journal of Applied and Basic Sciences*, 3(4), 859-867.
- Santos, S., Mesquita, I., Graça, A., & Rosado, A. (2010). Coaches' perceptions of competence and acknowledgement of training needs related to professional competences. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 62-70.
- Saraiva, J.P., Almeida, M.R., Oliveira, C., Fernandes, R., & Cruz-Santos, A. (2013). Desporto Adaptado em Portugal: do conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividades Física e Saúde*, 18(5), 623-635.
- Saraiva, J.P., & Cruz-Santos, A. (2015). Desporto Adaptado: Formação e Opinião dos Treinadores Portugueses. *Desporto e Atividade Física para Todos – Revista Científica da FPDD*, 1(1), 30-37.
- Schijndel-Speet, M. v., Evenhuis, H. M., Wijck, R. v., Empelen, P. v., & Ehteld, M. A. (2014). Facilitators and Barriers to Physical Activity as Perceived by Older Adults With Intellectual Disability. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 52(3), 175-186.
- Stoszkowski, J., & Collins, D. (2015). Sources, topics and use of knowledge by coaches. *Journal of Sports Sciences*, 34(9), 794-802.
- Strapasson, A.M., Storch, J.A., & Baessa, D.J. (2013). O Projeto AMA (Atividade Motora Adaptada) e a caracterização dos participantes com Necessidades Educacionais Especiais. *Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon*, 11(2), 79-88.
- Tawse, H., Bloom, G.A., Sabiston, C. M., & Reid, G. (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(2), 206-225.
- Tomasone, J.R., Wesch, N.N., Ginis, K.A.M., & Noreau, L. (2013). Spina Cord Injury, Physical Activity and Quality of Life: A Systematic Review. *Kinesiology Review*, 2, 113-129.
- Vella, S. A., Crowe, T. P., & Oades, L. G. (2013). Increasing the effectiveness of coaching education: Evidence of a parallel process. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 8(2), 417-430.
- Westera, W. (2001). Competences in education: a confusion of tongues. *Journal of Curriculum Studies*, 33(1), 75-88.

NOTAS SOBRE O AUTOR

JOÃO PAULO SARAIVA

Licenciado em Ensino Básico, variante de Educação Física, pela Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Mestre em Estudos da Criança, no ramo de especialização em Educação Física e Lazer, pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho e, Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho. joaosantos.iec.uminho@gmail.com

Recebido em: 17/05/2016

Reformulado em: 07/06/2016

Aprovado em: 08/06/2016